

Introdução

Nossa hipótese de trabalho no projeto inicial, há dois anos, ao encaminhar a presente pesquisa como requisito parcial para obtenção do título de doutor em teologia admitia que a identidade franciscana na América Latina, um continente caracterizado pela pobreza e exclusão, poderia receber nova configuração, a partir de uma releitura das Fontes Franciscanas neste contexto histórico. Imagínávamos então que nosso contexto social ofereceria luz para uma nova compreensão do modo de “seguir a doutrina e os passos de Nosso Senhor Jesus Cristo”, a exemplo de Francisco. O objetivo geral igualmente tinha em mira reconfigurar a imagem do seguidor de Francisco. Para verificar tal possibilidade empreendemos uma longa caminhada, aqui expressa em nove capítulos. E, desde já, podemos adiantar nossa satisfação com o resultado obtido, ao menos indireto, porquanto nossa atenção se voltou principalmente para aquele que é a fonte de inspiração de nosso modo de ser (Jesus Cristo) e não primeiramente sobre o possível novo modo de ser franciscano.

Subdividimos esta introdução em três breves tópicos: falaremos inicialmente do tema que nos ocupou; depois, do método seguido; e, por último, dos passos dados no desenvolvimento de seu conteúdo.

0.1

Nosso tema

A frase “**dado e nascido por nós à beira do caminho**”, construída a partir do salmo da natividade do “Ofício da Paixão” (OfP 15,7) de São Francisco de Assis, expressa com bastante propriedade a idéia central da temática que pretendemos abordar nesta pesquisa: uma visão de Jesus Cristo segundo Francisco

de Assis, desde a perspectiva da solidariedade. Este enfoque foi escolhido para melhor concretizar uma resposta à hipótese inicial de trabalho, pois a solidariedade está sendo apontada, de muitas formas e desde muitos contextos, como uma das mais adequadas alternativas para a sobrevivência, não só da humanidade, mas inclusive do planeta.

Inicialmente pensávamos até na possibilidade de uma “cristologia da solidariedade” em Francisco de Assis, hipótese que logo se revelou ousada demais, pois o *Poverello*, pessoa de formação teológica apenas mediana, dificilmente poderia fornecer toda a riqueza dos dados necessários para uma sistematização completa de uma cristologia neste enfoque. Daí o subtítulo “*a solidariedade na visão cristológica de Francisco de Assis*”, uma pretensão bem mais modesta, para ambos, pesquisado e pesquisador, mas sobretudo para este que ensaia os primeiros passos neste exigente exercício de expressar as reflexões de modo científico.

Ao longo da história, muitas páginas foram escritas a respeito da visão de Jesus Cristo em Francisco de Assis. E não podia deixar de ser assim, porque Jesus Cristo foi a sua norma máxima de vida, o seu ideal supremo, a sua referência constante. Recentemente têm surgido ensaios mais densos e de boa qualidade de “cristologia franciscana”. Porém nosso objetivo específico é o de focalizar a *imagem de Jesus Cristo segundo Francisco de Assis desde a perspectiva da solidariedade*, uma tentativa, pelo que nos parece, ainda inexistente até o momento. A escolha deste prisma não foi casual ou simples busca de novidade. Fomos impelidos a ela pela realidade atual, tanto pelos clamores do mundo dos pobres, (em nosso continente, a imensa maioria da população está sofrendo um progresso crescente de marginalização e exclusão social), quanto pelos clamores da natureza que também sofre e geme em dores de parto, esperando, com ansiedade, a manifestação, da parte dos filhos de Deus (Rm 8, 21-23), de um modo de vida mais planetariamente fraterno e solidário com todas as criaturas. Impele-nos ainda (era também, desde o início, nosso objetivo geral) o anseio, nem sempre evidente, dos franciscanos e franciscanas, em recuperar a identidade deste modo de ser de seu inspirador, Francisco de Assis.

O modo-de-ser profundamente solidário de Jesus Cristo, que Francisco soube divisar de uma maneira aprimorada, não apenas poderia devolver a devida significatividade para a vida dos homens e mulheres de hoje, cada vez mais

carentes de uma autêntica “razão de viver”, como pode, sobretudo, contribuir decisivamente para “criar novos céus e nova terra” (Apc 21,1) mediante o estabelecimento de novas relações, baseadas na fraternidade e na solidariedade, iniciando, quem dera, por aqueles e aquelas que tentam viver bebendo da herança franciscana. Não poderia ser esta uma nova “configuração” da identidade franciscana?

0.2

Nosso método

Nesta pesquisa buscamos trabalhar, ao máximo, diretamente sobre os textos originais de Francisco, embora tenhamos optado evitar a utilização direta do latim. Sempre que necessário para dirimir dúvidas, confrontamos também outras traduções. E, quando as situações são de difícil discernimento, as deixamos em aberto. Embora de modo não permanente, fomos direta e sabiamente auxiliados por dois franciscanólogos de Roma: Frei Leonhard Lehmann e Pe. Felice Accrocca. Este último, sobretudo avalizou o capítulo sobre a Regra Não Bulada, que julgamos ser um dos mais decisivos desta investigação, além de termos nos servido muito de seus escritos sobre o Testamento.

Sentimos aqui a necessidade de esclarecer dois procedimentos metodológicos que nos acompanharão na maneira de trabalhar o nosso do tema, uma vez que Francisco de Assis, também passou por um processo de mitologização em força de seu poder catalisador (oito séculos após sua morte, ainda foi escolhido como o “homem do milênio”): a) uma esmerada atenção à *linha do tempo* das diversas fontes ou à ordem cronológica dos fatos relativos a Francisco. Este cuidado, cremos, evitará enveredar por caminhos que reforçam o mito ao invés de contribuir para desvelar a verdadeira imagem de Francisco. Esta pesquisa quer, modestamente, somar forças nesta constante tarefa de “libertar Francisco” de fáceis pré-compreensões mais ou menos superficiais ou desvirtuadas; b) o outro aspecto metodológico diz respeito à *valorização do contexto* de cada um dos fatos e dos seus informantes. Sabemos que a neutralidade não existe, nem na ciência. Depois, em terceiro lugar, fazemos ainda várias observações práticas sobre os textos sanfranciscanos e sobre o modo de fazer as referências bibliográficas ao pé da página.

0.2.1

Valorização da “linha do tempo” ou da cronologia

Em relação ao primeiro aspecto metodológico mencionado, devemos confessar que respeitamos ao máximo a “linha do tempo” dos fatos referentes a Francisco e a tudo o que lhe diz respeito. Na medida em que o narrador se distancia do fato, cronologicamente falando, está sujeito a sempre maiores interferências. Não resta dúvida, pois, de que merece tratamento diverso uma notícia fornecida por uma fonte cronologicamente próxima ao evento analisado de uma outra que a retransmite, por exemplo, meio século mais tarde, sem ter sido testemunha ocular e sem poder contatar diretamente com aqueles que o presenciaram. Este modo de proceder leva a perceber a intrincada relação de mútua e interdependência dessas diversas fontes franciscanas, desafio denominado pelos franciscanólogos, pela sua magnitude e, ao mesmo tempo, pela sua importância, de “a questão franciscana”. Evidentemente que esse modo de proceder não resolve os problemas levantados. Todavia não favorece sua escamoteação. Assim como alguns teólogos, de ontem e de hoje, falam da necessidade de “libertar Jesus”, igualmente os franciscanólogos se deparam com a tarefa, nada fácil, de, ao menos, evitar o aprofundamento de possíveis distorções de fatos, de idéias ou do modo de ser do *Poverello*.

Na mesma perspectiva metodológica, procuramos estar atentos para situar os fatos ou as experiências de Francisco no desenvolvimento cronológico de sua vida. Estamos convictos, por exemplo, de que é muito diferente uma decisão tomada por Francisco no ardor de sua juventude de uma outra sua opção expressa já na maturidade de sua experiência existencial. Maior diferenciação, ainda se constatará na hipótese de, uma decisão da juventude ser reassumida, por exemplo, corajosamente, diante de confrades, às vésperas de sua morte, quando parte deles, aberta ou veladamente, pouco o acatavam ou mesmo contestavam. Parece-nos evidente que, neste caso, como de fato constataremos no capítulo nove, Francisco estaria manifestando uma convicção muito cara ao seu coração e profundamente reveladora de seu projeto existencial. cremos, então, que esta atenção para a dimensão cronológica fará melhor transparecer o processo de crescimento pessoal de Francisco, ao mesmo tempo que poderá fornecer pistas para entender se houve o necessário esforço de adequação às novas circunstâncias ou, hipoteticamente, se houve desvio de rota no projeto de vida. Evidentemente que não apresentaremos

soluções, mas queremos favorecer a necessária e humilde atitude de busca da verdade. A leitura das notas de rodapé, onde deixamos emergir mais claramente essas problemáticas, pode contribuir na compreensão mais global das questões.

0.2.2

Valorização do contexto

Em segundo lugar, ainda em relação ao método de abordar os fatos e as idéias de Francisco ou a seu respeito, fazemos esforço de sempre mostrar o seu contexto de origem, aquilo que os escritores, numa expressão já consagrada, chamam de *Sitz im Leben*. Procedemos desse modo quer em relação à pessoa de Francisco, porque esta metodologia faz emergir a riqueza e a significatividade do dado nele enfocado, quer em relação àqueles que tratam de Francisco, de seus posicionamentos ou de suas idéias. Os estudiosos das últimas décadas parecem concordes de que o contexto, a partir de onde, tanto um hagiógrafo do século XIII quanto um estudioso recente, escreve a vida de Francisco ou comenta suas idéias e posicionamentos, influencia decisivamente na sua compreensão. Tentamos trabalhar, sincronizando este aspecto da valorização do contexto da fonte com o outro aspecto, acima mencionado, da atenta observação da linha do tempo ou da cronologia dos fatos.

Em relação ao contexto das fontes, buscamos sempre ter presente algumas pequenas perguntas, tais como: que motivações que levaram um determinado biógrafo a contar a vida de Francisco? Foi iniciativa espontânea ou foi encarregado por alguém? Se alguém lhe encomendou esta tarefa, quem seria ele, por que o fez e por que pediu a este determinado escritor fazê-lo? A que contexto social preciso pertence o informante? Que motivações levariam uma pessoa solicitar uma nova narração da vida de Francisco, depois de várias décadas, quando outras narrativas já eram do conhecimento público? Por que narra diversamente um fato já conhecido ou simplesmente omite alguns deles que para outros eram muito significativos? Todas estas pequenas perguntas podem abrir novos horizontes de compreensão. Os avanços das ciências humanas (a sociologia, a história, a exegese, etc) oferecem atualmente essa possibilidade. Ainda que o objeto de nossa investigação acerca de Francisco de Assis seja um dado ou uma experiência de fé (sua relação com Jesus Cristo), isso não nos dispensa de abordá-lo com isenção de ânimo e com os recursos disponibilizados

pelas ciências. A neutralidade e a “asepsia” são praticamente impossíveis também na ciência a quem quer que seja, em qualquer abordagem de pessoa ou fato. Daí a importância de usar com seriedade o método crítico no tratamento da investigação que, sem dúvida, inclui a necessidade de identificação do “lugar” desde onde alguém escreve algum dado.

0.2.3

Outras questões metodológicas práticas

Em terceiro lugar, ainda com relação à metodologia de trabalho, importa aqui fazer alguns breves esclarecimentos práticos, antes de mais nada, em relação aos **textos de São Francisco**, aqui algumas vezes chamados de “sanfranciscanos” para distingui-los dos textos “franciscanos” onde podem se abrigar escritos dele e de toda a enorme fileira de seus seguidores. Está no prelo a nova edição brasileira das *Fontes Franciscanas e Clarianas*. As fontes atuais que aqui utilizamos contém inúmeros erros de tradução que, certamente, não aparecerão na nova publicação. Porém, queremos adiantar que constantemente confrontamos a tradução brasileira atual com a edição crítica dos escritos de São Francisco de Assis de Kajetan Esser. E sempre que as discrepâncias são significativas, no próprio texto ou em nota de rodapé, serão feitas as devidas correções e observações.

Além disso, ainda em relação ao emprego das fontes, nós optamos por seguir a **numeração dos versículos** da edição crítica e não da nossa edição atual, para que o estudioso possa conferir com maior facilidade quer a edição crítica ou quer traduções em outros idiomas.

Para a **abreviação dos escritos de Francisco e das diversas fontes**, valemo-nos do novo procedimento introduzido pelos responsáveis da nova edição brasileira das fontes, por serem *experts* e por se tratar uma decisão conjunta.

Por fim, uma palavra ainda a respeito de nosso método de fazer **referência bibliográfica ao pé da página**. Como o leitor verá, evitaremos empregar as costumeiras abreviações “*idem*” e “*ibidem*”. Este costume se justificava para evitar que o escritor fosse obrigado a reescrever a cada vez o nome do autor e/ou da obra. Traz, porém, o inconveniente de obrigar o leitor a sempre se recordar de que autor ou obra se está tratando. Com o advento do computador o processo do escritor foi facilitado, pois agora bastam simplesmente duas pequenas operações

de “copiar e colar”. Por isso, empregaremos o método utilizado de um modo geral em Roma, sobretudo no *Pontificium Ateneum Antonianum* e em várias revistas internacionais de franciscanismo (*Collectanea Franciscana*, *Laurentianum*, *Antonianum* etc): transcrevemos a cada vez o autor e as primeiras palavras do título da obra, seguido de vírgula e o número da página, dispensando inclusive a letra “p.” de página, pois é lógico que o número só pode se referir a ela.

0.3

Conteúdo abordado

Apresentamos agora, se assim se pode dizer, o horizonte do conteúdo da investigação deste nosso tema realizada em três momentos ou partes. Importa não olvidar um instante sequer que, como dizíamos na explanação da hipótese da pesquisa, estamos estudando esta temática “desde um país e um continente onde a grande maioria da população sofre o problema da exclusão”, fruto de uma insolidariedade institucionalizada, da qual também a natureza igualmente sofre as consequências nefastas.

0.3.1

Parte introdutória

A **primeira parte** é introdutória. Segue um método diverso do restante da pesquisa, enquanto esta parte se constitui em pesquisa bibliográfica ao passo que as duas partes seguintes são elaboradas predominantemente como análises de textos sanfranciscanos. É composta de dois capítulos: um dedicado à solidariedade e o outro à cristologia. Por tratar-se de um assunto emergente, polissêmico e poliédrico, sentimos o dever de aclarar, no primeiro capítulo, a *compreensão de solidariedade*. Depois de historiar, brevemente, seu aparecimento nos diversos campos das ciências teológicas, recordamos a visão da nova antropologia que lhe dá real suporte, já que será tratada como um modo-de-ser humano, e não como uma simples virtude tantas vezes intercambiada ou confundida com outras. A solidariedade apresenta natureza e dinâmica próprias que a caracterizam e distinguem, deixando transparecer sua especificidade. Este primeiro capítulo tem por objetivo aclarar o conceito de solidariedade, mostrar sua forte emergência na

atualidade da história, bem como suas múltiplas acepções e relações. Apresenta, na conclusão, este modo-de-ser como uma alternativa ao sistema de vida vigente que produz densas nebulosas no horizonte futuro. Isso porque, Francisco de Assis, mesmo sem conhecer esta palavra “solidariedade”, inspirado em seu Mestre e Senhor, apresenta, na prática, este modo-de-ser.

O segundo capítulo desta parte, intitulado “*a solidariedade na cristologia: vestígios de um percurso*”, começando com uma apresentação do percurso histórico de diferentes imagens cristológicas, permitirá tomar consciência de que a grande riqueza do mistério de Cristo sempre poderá se constituir em resposta aos grandes e novos desafios emergentes. Nessa perspectiva, se constatará que a partir da segunda metade do século XX, seja no magistério colegiado da Igreja, seja em tratados sistemáticos de teólogos, a imagem de Jesus Cristo foi, *pari passu* ao emergir da temática da solidariedade, assumindo prismas que, cada vez mais, realçam sua proximidade e compromisso com os relegados da sociedade. Jesus Cristo, expressão do amor solidário de Deus por nós, vem sendo descoberto, em sua prática e mensagem, como Alguém que inaugurou um modo de ser que conduz, mediante a solidariedade com os mais necessitados, à grande utopia da fraternidade universal e cósmica: o Reino, aliás, núcleo central de sua mensagem. E Francisco de Assis, surpreendentemente, parece se antecipar, de séculos, à descoberta desta imagem de Jesus Cristo que ultimamente fazemos, quiçá, ainda de modo incipiente. Assim como o primeiro capítulo, também este não pretende apresentar uma sistematização da cristologia desde o ponto de vista da solidariedade. É modesta sua meta: constatar como, de um modo crescente e diversificado, a temática da solidariedade vai se incorporando cada vez mais na abordagem cristológica. Isto auxiliará para detectar os momentos em que, também Francisco de Assis assim procedeu, mesmo sem tematizar especificamente a questão.

0.3.2

A solidariedade de Cristo nos mistérios de sua vida

A **segunda parte** da investigação tratará diretamente da visão cristológica sanfranciscana. Serão abordados aspectos ligados aos mistérios da vida de Jesus Cristo, sobretudo seus três momentos chaves: a encarnação, a paixão e a

eucaristia. A eucaristia, embora seja normalmente vista enquanto sacramento, aqui será analisada enquanto reflete uma imagem de Jesus Cristo. A esses três momentos da vida de Cristo, acrescentamos um outro aspecto: a apresentação de alguns títulos atribuídos por Francisco a Jesus Cristo que complementam e aprofundam a perspectiva solidária da vida de seu Senhor. Em cada um dos três primeiros capítulos desta parte são mencionados alguns fatos relacionados ao tema, porque Francisco, homem “ignorante” como ele por vezes se autodenominava, transmite mais através de gestos e atitudes do que mediante suas palavras. Será dada sempre, como já dissemos acima, especial atenção quer à questão cronológica desses fatos, quer ao contexto de surgimento dos escritos que os reportam.

O capítulo referente à **encarnação**, fazendo menção ao presépio, a seu salmo natalino e a outros escritos menores, nos desvendará a participação trinitária neste evento. Na encarnação o Filho de Deus manifesta sua opção pelos marginalizados: “escolheu, com sua bem-aventurada mãe, a pobreza”; “nasceu *in via*, à beira do caminho”, “porque não havia lugar para eles na estalagem”(OfP 15,7). Desde o início da sua vida terrena, Jesus Cristo se associou aos mais sofredores, inclusive à natureza que sofre (razão pela qual os pobres, os animais e os pássaros deveriam receber abundância de comida neste dia). Este gesto solidário de Deus enchia de alegria a Francisco e desejava que todas as criaturas pudessem compartilhar desta alegria ao menos neste dia em que, “graças à bem-aventurada Virgem, o Filho de Deus se tornou nosso irmão”. De fato, Jesus Cristo assumiu “nossa carne de humanidade e fragilidade” para nos resgatar, devolvendo-nos a dignidade de irmãos e irmãs. Este gesto quenótico do amor de Deus em Jesus se torna para Francisco programático: o amor se revela de um modo particular na descida para os últimos da sociedade, a fim de transformar seu sofrimento em alegria.

O capítulo IV, a “*solidariedade na Paixão do Senhor*”, começa reavaliando a compreensão da experiência de Francisco diante do Crucificado de São Damião, geralmente apresentada como o nascedouro da “paixão pela paixão do Senhor”. Descreve, a seguir, a mística do Tau que ele escolheu como seu símbolo espiritual. Estuda-se, de forma breve, o conteúdo do “Ofício da Paixão”, uma elaboração espontânea e gradualmente amadurecida ao longo de uma década e que talvez seja o eixo nuclear de todo o mistério cristológico em Francisco. O

fato dos Estigmas também não passa despercebido neste estudo. De modo geral, este capítulo desfaz alguns preconceitos sobre Francisco, mas sobretudo mostra, mais que qualquer outro, a profunda sintonia com o Senhor Jesus Cristo que “deu a vida para não faltar à obediência ao seu Pai” que quer a salvação de todos. Tal comunhão levou Francisco, mediante uma *quénosis* similar, a também viver a mística de dar a vida pela libertação e salvação de todas as pessoas, seja buscando o martírio, seja inserindo-se, alegremente, entre os leprosos.

A **Eucaristia** será objeto de estudo do capítulo V. Entre os aspectos mais salientes nesta abordagem estão: a dinâmica de vida expressa na eucaristia como estratégia de inclusão social; a eucaristia como constante renovação da encarnação quenótica do Verbo de Deus; a eucaristia como o caminho difícil da solidariedade com os últimos etc. Vê-se assim que, para Francisco, o sacramento do “corpo e sangue do Senhor Jesus”, como ele costumava denominá-la, na realidade, é a visão sintética de toda a vida e obra do Senhor Jesus. Muito mais do que um sacramento que Ele instituiu horas antes de sua morte, ou uma simples devoção como alguns a apresentam, é um auto-retrato que Jesus faz de si, de seu *modus vivendi* e, simultaneamente, quer que seja o nosso caminho de “seguimento de suas pegadas”.

Vistos os três momentos referenciais da vida de Cristo (presépio, cruz e altar), acrescenta-se um outro capítulo sobre os **títulos cristológicos** sanfranciscanos que expressam a solidariedade de seu Mestre e Senhor. Referiremo-nos, sobretudo, a três dentre os mais significativos: a solidariedade de Jesus Cristo expressa na sua imagem de *Servo*: aquele que “lava os pés”, identificando-se assim com os escravos, os últimos na classificação social; aquele que “enrijece a face como pedra duríssima”, no sentido de que nada nem ninguém o demoverá da causa do resgate da vida, dos direitos e da dignidade da “gente comum e desprezada”; aquele que “sofreu por nós”, enfrentando por isso até a morte de cruz. O título seguinte será o de bom *Pastor*, que Francisco admira, enquanto ele enfrenta os lobos e dá sua vida para não perder nenhuma de suas ovelhas. E, por terceiro, o título inédito e incomum de “*Pobre e Peregrino*”: Jesus é descrito como Alguém que assumiu a situação concreta dos pobres de seu tempo: nasceu entre os pobres; assumiu, com sua mãe e os discípulos, a condição de pobre e peregrino; não tinha casa onde repousar a cabeça; vivia de “esmolas”.

O conjunto destes três títulos oferece uma imagem deveras inconfundível de um Jesus Cristo sanfranciscano.

0.3.3

O seguimento do Cristo solidário

A **terceira parte**, fazendo contraposição à anterior de cunho mais reflexivo, apresenta um caráter claramente parenético que, aliás, é também o aspecto mais evidente em Francisco, pessoa profundamente preocupada com o seguimento “das pegadas de Nosso Senhor Jesus Cristo”. Três capítulos compõem esta terceira seção: um referindo-se ao momento inicial (a intuição original), outro apresentando a implementação prática dessa intuição no projeto de vida, e o terceiro, quase, à guisa de avaliação, (simultaneamente retrospectiva e prospectiva), apresentando o Testamento. Desse modo se abarca todo o percurso da vida do santo de Assis.

O capítulo referente à **intuição original**, de número sete, tem por objetivo mostrar como, desde o primeiro momento de sua opção de vida, Francisco, seguido de seus companheiros, sentiu o apelo de caminhar no seguimento dos passos de Jesus Cristo à margem da sociedade e na liminaridade da própria Igreja. Mostraremos isso analisando as diversas narrativas, oficiais ou não oficiais, do momento fundante, em suas diferenças e contradições. Aparecerá, de modo nítido que, para Francisco, a “observância do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo” não significava, necessariamente, identificar-se ao *status* e ao *modus vivendi* dos religiosos de então. Tentaria ele construir um caminho alternativo, vivido em solidariedade com os “leprosos” de todos os tipos, a exemplo de Jesus Cristo.

O capítulo seguinte trata do seguimento de Jesus Cristo na **Regra Não Bulada**. Considerado o “documento base” do franciscanismo, quer pelo seu método coletivo de elaboração, quer pelo longo período de história que abrange, a Regra Não Bulada apresenta uma dinâmica estrutural, ao mesmo tempo que reúne uma série de passagens decisivas que conduzem à compreensão sanfranciscana de Jesus Cristo, solidário com os últimos da sociedade. A opção pelo marginalizados da história, já clara no primeiro capítulo, vai se densificando a partir do capítulo sete, oito, dezesseis e, sobretudo, no capítulo nove. É novamente reavaliada e, decididamente reassumida, no capítulo dezessete, diante do risco de reabsorção

pelo “sistema de Assis”. Em decorrência disso, resulta claro que o caminho para “seguir os passos de Nosso Senhor Jesus Cristo” deverá se desenvolver na periferia social, e mesmo eclesiástica.

Por fim, dentre os últimos escritos do *Poverello*, o **Testamento de Francisco** foi escolhido para, através de suas próprias palavras, poder sentir as convicções que o animavam na iminência da morte e que desejava também continuassem a animar a caminhada futura de seus irmãos “que o Senhor lhe havia dado”. Francisco, na parte narrativa deste escrito (a primeira), retoma sua passagem para o “mundo dos leprosos”, os mais marginalizados de então para proclamar, do alto de sua maturidade humana e espiritual e do alto de seu momento existencial (às portas da morte): de fato, este foi e é o caminho mostrado pelo Senhor. E na segunda parte do mesmo escrito, através de diversas questões práticas, como a das casas dos frades, da busca de privilégios, do estar sem poder na Igreja institucional, continuará reafirmando o caminho mostrado pelo Senhor que nos precedeu como o grande marginalizado da história.

Eis o percurso realizado. Eis os aspectos metodológicos seguidos. Eis a temática abordada, com seu respectivo objetivo. Esperamos que isto contribua para confrontar-se com a figura ímpar daquele que sempre quis permanecer pequeno entre os pequenos e que, exatamente por isso, se tornou o maior dos homens do milênio passado, provavelmente porque nada mais quis do que seguir o caminho da solidariedade com os últimos, palmilhado primeiramente pelo seu Senhor e Mestre.

Poderá surgir luz para, com Francisco, aprender a traduzir de modo sempre criativo, no aqui e agora, a mesma dinâmica existencial vivida pelo Filho de Deus, encarnado em Jesus de Nazaré. Ao mesmo tempo, será possível perceber que a “alma de Francisco” é o evangelho de Jesus Cristo. Por isso, assim como através do “*alter Christus*” se pode conhecer melhor o Cristo, igualmente a contemplação de Jesus Cristo contribuirá no conhecimento do “menor dos irmãos”, Francisco de Assis.